

Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0
Cadernos PDE

VOLUME II

**OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas**

2016

**Ficha para Identificação – Produção Didático-Pedagógica:
PDE 2016**

Título:	Burle Marx : e a Pedagogia dos Jardins
Autor:	Jaqueline Ribeiro Maximiano
Disciplina/Área:	Arte
Escola de Implementação do Projeto e sua localização	Colégio Estadual Polivalente de Apucarana
Município da escola:	Apucarana
Núcleo Regional de Educação:	NRE - Apucarana
Professor-Orientador:	Prof. Dr. Claudio Luiz Garcia
Instituição de Ensino Superior:	UEL – Universidade Estadual de Londrina
Relação Interdisciplinar:	Biologia – área de botânica; Português – escrita e origem das palavras.
Resumo:	<p align="center">Nos dias atuais, ouve-se cada vez menos que o belo em si não tem mais valor cultural, apenas como deleite de poucos. Apontamos, então, a estética como conhecimento vinculado à cultura e à memória dos envolvidos na pesquisa. Visamos a fixação da memória pela história dos jardins de Burle Marx. Assim, abordaremos a estética paisagística como o belo vinculado à cultura local. Será examinado o momento histórico e social sobre a importância dos jardins para a sociedade contemporânea. Abordaremos ainda as plantas populares e a possibilidade da influência dos jardins no espaço escolar como elementos constitutivos da arte e a partir dessa abordagem promoveremos a sensibilização com a preservação ambiental.</p>
Palavras-chave:	Jardins; Escola ; Burle Marx;
Formato do Material Didático:	Artigo Parcial
Público:	2º ano do Ensino Médio

Apresentação

Prof. PDE Jaqueline Ribeiro Maximiano

Prof. Dr. Claudio Luiz Garcia.

Como podemos criar um jardim? Será que os mesmos nas escolas realmente serão construídos por uma questão estética de apreciação ou partem da parte funcional educativa?

Estética, não funcional (entender o belo como simplesmente belo), com certeza é a forma que você pensou.

Mas existe um nível de entendimento de jardins mais avançado, que serão aplicados no contexto de Burle Marx que recriou um mundo moderno povoado de observações do entorno, onde aparentemente, ainda, ninguém havia explorado com toda sua potencialidade criando assim uma nova forma de necessidade. Não podemos ver o desenvolvimento da arte da mesma maneira, pois a natureza das informações que a constitui será diferente, neste momento o construtor desta dinâmica, presente no cotidiano escolar que há em nós entrará em ação para a compreensão do em torno em uma arte em constante mutação, em linguagens de linhas orgânicas, combinações de cor, luz e sombra em áreas já exploradas mas não limitadas, uma construção além, do tempo, pois existe o fator espera, do tempo e da própria impaciência, e não pense você que será fácil.

Atribuir sentido a um jardim exige do construtor artista muito suor, e capacidade de inferência das entrelinhas, da intencionalidade e dos sentidos que o mesmo sugere é fundamental.

É possível perceber que, para compreender um jardim de forma mais ampla, o organizador tem que ir além da simples ideia de plantas e espaço físico, em alguns casos até mesmo a ausência deste; ele precisa passear pela sua poética artística, que é formada de detalhes preciosos em seu desenvolvimento. “Pensando bem, a arte dos jardins é provavelmente a mais ambígua, a mais difícil e ao mesmo tempo a menos apreensível de todas as artes” (MARX, Burle, 1994, p. 02). Na sequência, o mesmo autor ainda reitera: “os jardins são sempre instáveis, já que muitos fenômenos acontecem ao longo de sua existência, como o crescimento das plantas, a floração, a

interferência do clima e dos ciclos das estações. É uma obra viva, em constante mutação.”

O observador ao construir o elemento artístico é aquele que processa informações que se apresentam em formas variadas, linhas, cor, formas orgânicas, possibilidades de existência e diferentes experimentações. À medida em que ele vai desenvolvendo estes processos próprios de combinações e espaços antes ausentes no próprio campo visual, mas que demanda uma intensa imaginação e encontrando dificuldades, seu cérebro vai procurando soluções dentro do seu arquivo mental. Por isso, ele desenvolverá estratégias de possíveis soluções da aplicabilidade do desenho, de cores que combinem entre si, utilizando o círculo das cores, repensando o que é harmonia, sombra e luz, opostos, dentro do conceito de estudos como Barroco, ou o romantismo e tantos outros conteúdos que englobam o segundo ano do ensino médio, leitura que está ligada diretamente à seleção, antecipação e conhecimento.

Dos Jardins e suas Histórias – Seria assim o Começo

“Para esta menina sarar, pensava ele, é preciso que ela deseje ver o dia seguinte. Uma flor, com sua maneira de abrir-se, de improvisar surpresas, poderia talvez ajudá-la... Uma flor que cresce é uma verdadeira adivinhação, que recomeça cada manhã. Um dia ela entreabre um botão, num outro desfralda uma folha mais verde que uma rã, num outro desenrola uma pétala..., esperando cada dia uma surpresa...” O Menino do Dedo Verde, p 77.

Jardim. Esta palavra que está ligada ao termo cinto ou cerca, em sua origem etimológica, e mais tarde os franceses trarão o *jardin*, que tem o significado de, “terreno cercado em que se cultivam flores, ou árvores frutíferas ou legumes, hortaliças e vegetais comestíveis”, e eles vão levar isto muito a sério quando o poder da monarquia revelar seu poder absoluto até mesmo sobre a forma das plantas e sua organização no espaço.

Os jardins são considerados uma forma refinada de construção visual na arte da paisagem. Estão ligados a mensagens de diferentes povos e buscas constantes do que seriam mensagens codificadas de costumes e motivos ambíguos, ora um caos de cores, ora recoberto de nostalgia e ervas

daninhas. Nem sempre os jardins proporcionam a ideia da estética, em uma construção de reconhecimento pessoal, ou ainda algo de caráter social, já que o cotidiano modifica na atualidade a forma do olhar e em torno, ou seja o prazer estético de olhar e reconhecer um caleidoscópio de luz ou simplesmente uma beleza comum. São tantos os fatores que contribuem para uma apresentação de um jardim, que ao longo da própria história deste perderam-se vidas para ganhar-se flores. Não seriam os famosos Jardins da Babilônica uma icônica beleza, e mesmo assim presente, para muitos, apenas na imaginação de arqueólogos.

Entretanto, muitas localidades continuaram a cultivar os jardins como elemento simbólico, o apontamento inicial está ligado diretamente ao livro Sagrado, Adão e Eva estariam habitando o Éden, mas em comparativo os estudos de Leonardo da Vinci no renascimento, que despe as possibilidades das plantas em elementos típicos de um anatomista, para compreender a surpreendente forma de sua existência, por ela simplesmente estar ali, cobrando da mente ágil do artista uma interpretação, um desafio que o força a pesquisa, do indivíduo conhecido como ser participante de espaços naturais ou construídos.

Com diferentes interpretações de uma sociedade que procurou se cercar de elementos belos, enraizadas no espaço e no tempo. Requalificados por diversos adjetivos (botânica, naturais, fúteis, etc.) que fizeram deles, os jardins, conceitos diferentes conforme apresentavam variantes, eles seguem uma trajetória diferente nos momentos históricos, porém sempre em busca de refletir nações e personalidades.

Até se vislumbrar a aplicação dos jardins em espaços escolares está prevista como discussão sobre a arquitetura escolar e a influência sobre os estudos “A natureza ensina aspectos das estruturas ecológicas com diversidade, como um estímulo ao pensamento criativo. A afinidade estética da natureza, sua variação, as cores, as funções de controle da luz e do clima são geralmente consideradas agradáveis, satisfatórias e necessárias.” (Kowaltowski; 2011). Ou seja a obra de arte se ampliou em dimensões inacreditáveis, constituída de acumulações das artes aplicadas como constantemente em mutações, em uma esfera única de cores, luz e elementos constitutivos, trabalhos e produtores destas obras criaram os desenhos de

botânica como um registro de escolhas e movimentos ou seja as mudas transportadas terão um registro visual para imortalizar sua forma inicial, suas mutações ao traslado terão significados diferentes ao serem acomodadas em outros jardins.

O culto que se rende aos jardins hoje a as mudanças necessárias do entendimento das escolas, merece de nós uma busca de observar onde nos encontramos no meio escolar, educadores e construtores artísticos. É desse ponto de vista entre outros, que abordaremos o tema aqui.

Atento a essas questões e com o propósito de investigar o papel de Burle Marx, e sua dedicação aos jardins no contexto modernista brasileiro, o artista paisagista recorda-nos a importância de se localizar historicamente essa figura, esclarecer de que artista está se tratando:

“O terceiro conceito na percepção jardim e talvez a mais importante é por fim que o passeante elabore para si no próprio movimento de seu passeio é quando o pintor sede lugar ao cineasta, a construção da imagem do jardim efetua-se, com base na experiência da mobilidade e do ponto de vista.” (MARX Burle, 1992).

Nessa passagem, o artista ressalta a importância de se inscrever a existência da arte, e o registro desta será a própria paisagem.

A Pedagogia dos Jardins

“...

*Da alfazema fiz um bordado
Vem, meu amor, é hora de acordar
Tenho anis, tenho hortelã, tenho um cesto de flores
Eu tenho um jardim e uma canção
Vivo feliz, tenho amor
Eu tenho um desejo e um coração...”
(Soul Parsifal, Renato Russo)*

Um dos elementos que acabaram por entrar nas discussões de melhorias no que se refere à humanidade veio com a fundação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, fundada na Inglaterra, em 16 de novembro de 1945, cuja missão está ligada a contribuir para a manutenção da paz, do respeito aos direitos humanos, e de igualdade entre os povos, através da educação, ciência, comunicação e cultura. O patrimônio material instituído como flora está ligado diretamente no

desenvolvimento da consciência ecológica nas populações, esta preservação é transformar as espécies que se revelam importantes de forma cultural em suas regiões, as comunidades buscam escolher as que lhes encantam, e a partir daí a conservação do ambiente acaba por ganhar parceiros oficiais, que possibilitam coexistir com escolhas de fato, e a possibilidade de integração de toda uma comunidade, em nosso caso, reconhecido como o espaço escolar.

A experiência da junção de linguagens construídas por Burle Marx demonstra uma contemplação e diferentes elementos, que unidos formaram um desenhista, pintor, ceramista, tapeceiro, e ainda um paisagista, que faleceu na cidade que presenteou com seus jardins, o Parque do Flamengo, e o Sítio Burle Marx tombado como Patrimônio pelo Iphan. A utilização de pesquisa sobre a vegetação tropical, a construção de linhas e cores estão presentes em seus experimentos, uma profunda busca de compreender a flora nativa, que ganhou em alguns casos o nome de quem as elevou ao nível de paisagismo, como a bromélia *Aechmea burle-marxii*, pacová *Heliconia hirsuta var. burle-marxii*, inseridas ou descobertas por ele em seus jardins. Seus desenhos e curvas orgânicas, uma tradução da própria natureza, a atitude nacionalista está presente no acervo do Sítio Burle Marx, como uma das coleções mais importantes de botânica do mundo.

Muito mais do que a construção de jardins é preciso observar algo precioso para os espaços criados, a pesquisa, a visão da cor, e a construção das formas orgânica que jorram além das linhas e cores no papel, passam a estar presentes no cotidiano, e no desenvolvimento de um espaço articulado para o bem estar, como escreve o próprio ao traçar diferentes conceitos no que se refere a esta construção da imagem do jardim efetua-se com base na experiência da mobilidade e do ponto de vista, como então compreender que o espaço escolar é articulado de diferentes séries, possibilidades, em sua diversidade, e que estes alunos estão presentes por períodos diários, mas ao mesmo tempo estarão ali ao longo de seus anos mais complexos, e que eles estarão contribuindo com este meio através do cultivo e da preservação. Para isto encontramos a observação de Arnheim, em seu livro *Intuição e Intellecto na Arte*,

A arte preenche, antes de tudo, uma função cognitiva. Todo conhecimento que adquirimos sobre nosso meio ambiente nos chega através dos sentidos; porém as imagens que recebemos por meio dos nossos olhos e ouvidos e de nosso sentido do tato estão longe de ser diagramas facilmente legíveis da natureza e função das coisas. (ARNHEIM; RUDOLF, 2004, p. 33)

A escola busca soluções sociais, e uma construção e formação cultural crítica, a estrutura da construção de pesquisa de VYGOTSKY demonstra que “a criança alcança capacidades auto reguladora por intermédio de uma manipulação ativa do ambiente, com o uso de sinais. Esta manipulação ativa do ambiente leva, em última instância, ao controle do próprio comportamento da criança”. (Vygotsky e a Educação).

A questão das cidades apresenta-se como um desafio, o aluno está em diversos meio sociais, desloca-se para a escola onde novamente cria grupos e sociabiliza-se neste meio, o campo das artes viu este fenômeno conhecido como delimitação de territórios, adotado em alguns muros escolares na atualidade. Mas a atenção se desvia para a convivência, a preservação do patrimônio, a conscientização de que a própria escola é uma sociedade inserida no meio, suas linhas são levadas até questões amplas sobre violência, e a morte de uma estrutura que entendemos como o meio social do indivíduo,

Os bairros inadequados tendem a ser mais rapidamente abandonados, e os cortiços costumam expandir-se mais esparsamente e para mais longe do que ocorria na época anterior aos automóveis e às hipotecas avalizadas pelo governo para melhoria dos subúrbios, a época em que era menos conveniente para as famílias abastadas abandonarem os bairros que já mostravam algumas das circunstâncias normais e inevitáveis que acompanhavam a vida urbana, mas nenhum dos meios naturais de transformar essas circunstâncias em vantagens. (JACOBS, JANE, 2011, p. 307).

E os pais buscam respostas em escolas que possam atender um quesito importante para seu filho, não é apenas uma questão de segurança, é algo mais profundo que inquieta a todos os que estão presentes na escola, é possibilitar que este educando veja um mundo que possibilite sua construção e participação constante. Ao despertar o jardim como arte que caminha pelas suas mãos, de algo corriqueiro como apostou Burle Marx, presente em datas vazias, ou na simples troca de uma muda entre colegas, na reprodução da arte

orgânica, uma arte viva, estaremos buscando compreender mudanças, que serão bem vindas, o espaço de áreas de vida, e não o concreto por si só, que em algum momento gera uma terrível pobreza visual, a ausência da poética do cotidiano, necessária, para todos os grandes pensadores e estudiosos, a busca das cidades que timidamente tomam forma, é mais do que arquitetos e urbanistas é preciso seguir o caminho da UNESCO, e dar início as escolas que realmente agregam os diferentes indivíduos.

Burle Marx : A Construção dos Jardins

“ _ Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para que seja feliz quando a contempla. Ele pensa: “Minha flor está lá, nalgum lugar...”
(pg 60, O Pequeno Príncipe; Antoine de Saint Exupery)

A imagem de Burle Marx gera certo fascínio quando se observa os cabelos brancos levemente ondulados pelo vento, os gestos expressivos, os silêncios pontuais, até ser tomado pelas paixões, e ali voltado para suas linhas modernas, o encanto por um país, e antes de tudo pelo belo inexplorado. Sua biografia revela a ousadia de quem procurou unir a pintura com a paisagem. Paulista com visão da Mata Atlântica no quintal de casa, o princípio foi em 4 de agosto de 1909, partindo, no Rio de Janeiro, em 4 de junho de 1994. Percorreu o caminho da pesquisa inverso, na Alemanha, se apaixonou pela exuberância nada discreta da flora brasileira, era jovem, e ao voltar trouxe ideias, algumas concretizada na Escola de Belas Artes. Mas é ao lado de Lucio Costa, arquiteto, que pensa jardim, linhas orgânicas despontam em uma residência, mas é em Recife onde trabalha como diretor de Parques e Jardins que permitiu trazer e apresentar o Brasil para o Brasil, era a flora nativa. As excursões pela caatinga, revelam um pesquisador, observador e antes de tudo um defensor, que procurou entender as características do espaço, em seus desafios de ambientar diferentes espécimes da Amazônia e do sertão do Nordeste, ocorrendo assim uma harmonia única, através dos ciclos de vida dos vegetais, sendo cativado pela genuína beleza, criando um marco na história dos espaços públicos, e no sentido privado, ao desenvolver seu trabalho no Sítio Santo Antonio da Bica, sua residência, hoje tombada como Patrimônio Cultural no Rio

de Janeiro, onde o observador é todos os dias levado ao estado único do entorno e a sensibilidade de ver, é a beleza pela sua existência no cotidiano.

Os jardins modernos percorrem seu nome, com suas curvas, jardins em tabuleiros, sumindo a simetria pura, tipicamente europeia e que aqui predominava, para, a tradução da natureza brasileira, como ele via, como era possível orquestra-los, extraindo delas uma síntese sutil, que aliás nem sempre será aplicada nos jardins e espaços criados, incorporando e afirmando a legitimidade de suas criações.

Formas de feijão vistas como curvas do calçadão de Copacabana, no Parque do Flamengo, e inúmeras outras construções, mas sua dedicação percorreu o desenho, pintura, joalheria, tapeçaria, e a amar o espaço verde, e contribuindo para o olhar aquilo que se encontra discretamente entre as pedras, mas que é simplesmente o belo.

Da Construção dos Jardins

“...E, à frente, em canteiros bem ajardinados, estavam plantadas as flores. Bem, mas isolada no seu canteiro estava uma rosa apenas entreaberta cor-de-rosa-vivo. Fiquei feito boba, olhando com admiração aquela rosa altaneira que nem mulher feita ainda não era. E então aconteceu: do fundo de meu coração, eu queria aquela rosa para mim. Eu queria, ah como eu queria. E não havia jeito de obtê-la. Se o jardineiro estivesse por ali, pediria a rosa, mesmo sabendo que ele nos expulsaria como se expulsam moleques. Não havia jardineiro à vista, ninguém...” (Clarice Lispector – Cem anos de Perdão).

A ideia da construção de um jardim para muitos chega ser assustadora, até mesmo o início do mesmo revela-se complexa, imagina a aplicação em um ambiente escolar, amplo ou não o que pode ser posto, o que agrada. Mas o que agrada, mas o que vincula a poética do que vai ser um jardim em um espaço presente no cotidiano escolar.

A divisão do espaço em horários diferenciados e gostos pessoais, o que encanta crianças de sexto ano que acabam de chegar, para aqueles que já estão ali e já têm uma história, já reconhece os espaços de convívio e o ali lhe parece em alguns momentos à segurança de uma história longínqua. Pois os anos do fundamental II e médio, constituem momentos que marcam passagens reconhecidas socialmente e que a escola auxilia estes ritos.

Como então criar projetos coletivos, mas inovadores, sob diferentes condições, não são apenas paixões, existe técnicas e conhecimento, como a educação com novos ideais em que se consideram os espaços e estabelecem o conjunto desta linguagem formal.

Aponta KOWALTOWSKI, 2011 “no que se refere as áreas e o impacto da arquitetura na aprendizagem, o ambiente contribui para espaços confortáveis e estimulantes para uma produção acadêmica expressiva.”, portanto a proposta busca o pensar ambiente escolar, educando, e o processo de aprendizagem. Pensar sobre esta preocupação com a aprendizagem ligada ao espaço, o elemento que primeiro se apresenta é o baixo custo e a manutenção, a busca de variedades de materiais e espécimes vegetais, a construção da memória destas através da composição, e o resultado, dentro de um processo lento, e que permite erros é exatamente o pensar, educação.

O não, palavra complexa quando diretamente dito, fica relativamente interessante quando comprovado, e se o educando encontra o motivo pela utilização da negativa passa a ser ainda mais interessante, os jardins com sua linha, cor, organicidade, a própria botânica e a química lhe impõe fatos, é tóxica, têm espinhos, portanto, não são cabíveis em um ambiente escolar.

A construção de um jardim depende de detalhes o conteúdo, incluir informações escritas, visuais, complementares, perdas de mudas, chegadas de novas, o espaço de cultivo, a composição dos espaços, as cores e as possibilidades infinitas que se abrirem. Esquemas influenciados pelo barroco, neoclassicismo, romantismo, realismo, impressionismo e o moderno, conteúdo previsto no segundo ano do ensino médio permitem coexistirem no cotidiano.

Alunos do segundo ano embasando o conhecimento e repassando para outros ideais, sem palavras ou explicação o uso visual, a preocupação do sair da “prancheta”, permite a criatividade e a imaginação e jardins que migram da arquitetura escolar para à rua.

Invariavelmente a arte leva a reflexão de vários elementos que a constituem, linhas, formas orgânicas ou rígidas, cores, um cotidiano que Burle Marx buscou ao longo de toda a sua vida, os desenhos de observação, podendo ou não ser inspirado na sobriedade da botânica, as cores nos

espaços principais, linhas, que podem ou não existir no imaginário – real, como a Pampulha, 1941 em Belo Horizonte, de realidades que podem ou não existir tão logo as plantas se desenvolvam em sua própria poética, não há efetivamente o controle da beleza estética como conhecemos, mas uma profunda confusão com personalidade própria.

A ideia de nomeação dos espaços, passa a construir novos objetivos, criação de superfícies imaginárias, simbólicas, particulares um convívio de experiência como espaço escolar e paisagem. No livro de Wilson, 2014, sobre as áreas verdes teremos nomes dos espaços ajardinados, o que pode influenciar profundamente o encontro do segundo ano com o sexto ano, uma convivência nomeada, o que acaba por direcionar um profundo sentido de posse, e encanto, os desenhos disponibilizados permitem uma visualização espacial interessante para o entendimento simples.

Como elementos de sugestões, portanto já ocorreram interferências, e podem ocorrer de forma ainda mais extensivas, pensando na aplicabilidade, teremos O Jardim em Desnível, em sua organização o relato aponta a diminuição de ruídos do entorno, a utilização de materiais simples, os realces visuais, planos de luz e sombra, espaços para sentar e comer, plantas de contraste como os bambus, que ajudam o relaxamento e reforçam a visão criada pelo espaço, diferentes texturas e sonorização.

Os Jardins Pinturescos ainda encantam, também conhecidos como Jardins Ingleses dentro do neoclássico levam os alunos a vislumbrar o caramanchões, cercas, alambrados ou ainda pergolados, as plantas como trepadeiras que fornecem inflorescência como as glicínias (*Wisteria floribunda*) que dão um show de pequenas flores violeta e levemente perfumadas, vivem por mais de cem anos, origem japonesa, são um poético contraste de cor e equilíbrio. O sapatinho- de-judia (*thunbergia mysorensis*) pendentes que se destaca pela mistura de tons violetas e amarelos, é belo mas uma beleza de peso, esta planta formada agrega esta característica. Porém para muitos a opção principal é a primavera (*Bougainvillea spectabilis*), planta brasileira, fornece flores duráveis e encantadoras praticamente o ano inteiro, porém os espinhos, não são cabíveis em um espaço é para crianças, adolescentes e a comunidade em geral. Um Jardim Para Entretenimento assinado por James Aldridge, conforme registrado no livro, disponibiliza de forma ilustrada e rica em

informações mudanças de níveis, atrativo para diferentes grupos, bancos embutidos, espécies exuberantes, repetidas aleatoriamente, ele e em pesquisa de sugestão, rabo-de-gato (*Amaranthus caudatus L.*), crista-de-galo-plumosa (*Celosia argentea L.*), Sangue-de-adão (*Salviasplendens*), tagete (*Tagetes erecta L.*). Se o espaço escolar apontar para sombra, a análise cor, será feita de forma diferente, flores precisam de sol, portanto a luz influencia diretamente na construção da cor. Para isso Burle Marx organizou em sua palheta de linhas e cores as marantas (*Cternanthe oppenheimiana Tricolor*), a planta desenvolve densas touceiras que proporcionam touceiras produzindo uma ideia ornamental, com planta nacional e de fácil produção de mudas, melhor ainda coleta e contribuição. Uma das mais comuns nos quintais é comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia seguine e Dieffenbachia Camilla*), é touceira, canteiro com elementos de fácil organização, de sombra, mas uma das plantas com maior teor de toxidade, em todas as suas partes. Ainda nos elementos de sombra, é a percepção de cor, e esta não está vinculada necessariamente as flores, propriamente dita.

Mas encanto mesmo é que na busca de encontro de mudas e organização do herbarieum, vai ser as *Impatiens valeriana*, conhecida como maria-sem-vergonha e beijo pintado, não é uma planta brasileira, é africana, floresce o ano inteiro com intensidade, sombra, meia-sombra, sol pleno, colorido intenso e diferenciadas, o cosmos (*Cosmos sulphureus*) é o sonho de todo jardim, flores o ano inteiro, contastes de cor, delicada, facilmente transportada pelo aluno e pelo vento, sua poética está ligada a afirmação, é mato.

Esta poética nominal e construtiva está presente como uma nomeação de obra, não existe uma obrigatoriedade, mas permite uma identificação de quem está de dedicando a este espaço, criando uma profunda intimidade, com o desenvolvimento desta arte mutante.

Também podem ser conhecidos como tropicais, a sensação é a não interferência da mão humana, sua exuberância e beleza, estão presentes na textura, linhas orgânicas, as palmeiras (*Arecaceae*) e as bromélias (*Bromeliaceae*), as folhas são ornamentais, de fácil manutenção, a climatização já ocorreu o que permite um desenvolvimento normal para o cultivo do jardim. A utilização de elementos naturais no ambiente escolar,

permite atrair a avifauna para o entorno, opções variadas como o palmito-juçara (*Euterpe edulis*), antúrio (*Anthurium andraeanum*), bromélias, orquídeas (*Orchidaceae*), costela-de-adão (*Monstera deliciosa*). E as contribuições possíveis que podem chegar na escola, a partir da própria vizinhança.

As Cores, texturas, linhas ...

*Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ilude a polícia, rompe o asfalto
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
Garanto que uma flor nasceu.
É feia. Mas é flor.
Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.
(Carlos Drummond de Andrade; A flor e a náusea).*

A construção da cor dentro do trabalho de arte revela um dos elementos em destaque dentro do estudo deste campo, como os jardins elevam este status ao conhecer a aplicabilidade da teoria das cores.

“O exemplo básico é a percepção da composição nas artes. A multiplicidade de formas e cores numa pintura, ou de sons numa peça musical, permanece unida graças a uma configuração de forças geradas no sistema nervoso e refletidas na consciência do artista e de todos aqueles que perceberam a sua obra.”(Arnheim.1997, pg.47).

Nesta composição, de cores em jardins as plantas podem seguir o posicionamento conforme os apontamentos de cores do círculo cromático, para lembrar, e isto é importante que as cores podem criar contrastes interessantes como a harmonia complementar no oposto no disco: amarelo e roxo; verde e vermelho; azul e laranja. Alternadas no disco teremos a harmonia de tríades, ou seja o amarelo, azul e vermelho, ou o verde, roxo e laranja. Mas as cores que não contrastam bem, são as vizinhas no disco ou conhecida como análogas, verde e azul, o azul e o roxo, o roxo e o vermelho, o vermelho e o laranja, e finalmente o laranja e o amarelo.

Será exatamente na florada simultânea que esta percepção vai ocorrer, podendo assim desaparecer um conjunto total de plantas diferenciadas, mas é claro que o bom senso e os gostos pessoais vão interferir sempre.

O caráter visual é constituído por um conjunto de elementos que envolvem cor, mas os jardins permitem o caráter tátil, ainda um elemento visual, que possui, a ideia da profundidade e o próprio tridimensional. A textura gráfica, com os efeitos de volume, claro-escuro realizados com o acúmulo ou distanciamento de

pontos e linhas, dando ideias de relevo, perto e longe, portanto os desenhos de observação permitirá que o aluno venha experimentar os efeitos que se produz em trabalhos, mas para tal ocorrer, deve-se aprender, a partir das análise dos elementos disponíveis para a composição, possível aplicar na linha botânica, ocorrendo a interdisciplinaridade.

A avaliação prevista neste artigo parcial está ligada diretamente na produção e relação encontrada entre jardins e a composição do aluno, dos espaços a serem ocupados pela flora, incentivando o aluno a planejar suas atividades, e a construção de um processo. O portfólio neste momento representa um método de construção, através de pesquisa visual e escrita, onde o aluno vai exercer a persistência e o conteúdo cultural efetivamente aplicado.

1. Cronograma de Desenvolvimento

Atividades	Agost	Set	Out	Nov	Dez	Fev	Mar	Abr	Mai	Junho	Julho
	2016					2017					
Elaboração Artigo Parcial	X	X	X	X	X						
Leitura e Fundamentação teórica	X	X	X	X	X						
Apresentação durante Semana Pedagógica da proposta Burle Marx: e os Jardins pedagógicos						X					
Contrato Pedagógico com a turma envolvida com a Implementação Burle Marx, apresentação para as demais turmas médio fundamental						X					
Organização do portfólio, composto por composições de pesquisa das plantas						X	X	X	X		
Associação de Jardins e o conteúdo formal proposto nas DCEs de arte.						X	X	X	X		
Observação e registro dos espaços a serem propostos para o projeto						X					
Organização da chegada de mudas ao espaço escolar, interdisciplinaridade biologia.						X	X	X	X		
Burle Marx e a observação do entorno, conhecendo o artista e suas propostas						X	X	X			
Tipos de Jardins e suas possibilidades						X	X	X	X		
Grupo de Trabalho em Rede								X	X	X	
Elaboração de canteiros, aplicação de relações de espaço, nomeação dos jardins							X	X	X	X	X

Quadro 1 – Cronograma de atividades para a Implementação da Proposta de Burle Marx: e a Pedagogia dos Jardins, intervenção na escola.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo; História da arte como história da cidade; tradução Pier Luigi Cabra. 5 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

ARNHEIM, Rudolf; Intuição e Intelecto na arte: tradução Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.

CARTAS DA UNESCO portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226

CHOAY, Françoise; A alegoria do patrimônio: tradução Luciano Vieira Machado; São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 42.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

HARRISON, Lorraine. Latim para Jardinistas; São Paulo, Editora Europa, 2012.

JACOBS, Jane; Morte e vida de grandes cidades; tradução Carlos S. Mendes Rosa; 3. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JODIDIO, Philip. Niemeyer: A Alvorada Passada e Futura; Lisboa; Taschen, 2012.

KOWALTOWSKI, Doris C. C.K.; Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Editora Oficina de Textos, 2011.

LEENHARDT, Jacques; Nos Jardins de Burle Marx. São Paulo, Editora Perspectiva, 1994.

MOLL, Luis C. Vygotsky e a educação: Implicações Pedagógicas da Psicologia sócio- histórica; trad. Fani A. Tesseler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MÜLLER, M. S.; CORNELSEN, J. M. Normas e padrões para teses, dissertações e monografias, 5. ed. Londrina : Editoria da UEL, 2003.

NASCIMENTO, Dulce: Plantas Brasileiras a ilustração botânica de Dulce Nascimento. editora Batel, 2011.

RATNER, Carl. A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas; trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RIX, Martin. A era de ouro da arte botânica; tradução Samira Menezes; São Paulo: Editora Europa, 2014.

RUSKIN, John. As pedras de Veneza; tradução Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

READ, Herberth. A educação pela arte; tradução Valther Lellis Siqueira. São Paulo: editora Martins Fontes, 2001.

VÍDEOS Burle Marx. <http://arquiteturaurbanismotodos.org.br/burle-marx/>; e ainda <https://www.youtube.com/watch?v=MDzm54ihthg&t=314s>

WILSON, Andrew. O Livro das áreas Verdes; tradução Karla Lima, São Paulo: editora SENAC, São Paulo, 2016.